

João Arsénio Nunes

Gramsci e nós

A recepção historiográfica e política de Gramsci em Portugal permanece escassíssima, ao contrário do que acontece por todo o mundo, e nomeadamente no Brasil. Para tanto contribuiu, no plano político, a instrumentalização do seu pensamento, a partir dos anos 70 (um dos períodos de maior difusão da sua obra), pelo “eurocomunismo” e pelas correntes revisionistas que se desenvolveram na sua esteira e desabaram em avalanche nas últimas duas décadas.

No entanto, os escritos de Gramsci, quer os de carácter jornalístico e de directa intervenção política anteriores à prisão em 1926, quer os *Cadernos do Cárcere*, são obra dum militante comunista que procura responder teórica e praticamente aos problemas do seu tempo – da revolução e da contra-revolução na Itália do pós-guerra, da Internacional Comunista (cujo comité executivo integrou) confrontada com o impasse da revolução mundial, da defesa perante o fascismo em Itália e na Europa. Com a crise mundial de 1929, nas condições determinadas por um encarceramento de longa duração, os escritos de Gramsci ganham um novo ritmo temporal e profundidade analítica, mas são igualmente determinados pela motivação política: essencialmente a preocupação de perceber as razões da derrota (temporária, mas de que não se podia subestimar a dimensão) do projecto revolucionário e de encontrar as vias adequadas à sua recuperação e relançamento.

A comunicação procura sintetizar as propostas analíticas ou estratégicas de Gramsci seguindo o próprio itinerário da respectiva produção. Começando por referir algumas características da sua formação intelectual que desde cedo o colocaram em oposição às concepções deterministas do materialismo histórico e o fizeram identificar-se com a revolução de Outubro, analisa-se seguidamente o combate, no interior do PC de Itália, ao sectarismo de Amadeo Bordiga e ao mecanicismo teórico que o fundamentava; a luta pela bolchevização e simultaneamente por alianças capazes de sustentarem um combate eficaz ao fascismo no poder; a emergência do conceito de *bloco histórico*, que virá a ser central na construção teórica dos *Cadernos do Cárcere*. Assinala-se o alcance periodizante da crise mundial de 1929 e a sua importância na génese duma nova fase da elaboração gramsciana. Esta nasce em directa relação crítica com a política do “terceiro período” da Internacional Comunista – neste contexto se formam os conceitos de “guerra de movimento” e “guerra de posição” e se retoma e aprofunda a ideia leninista

de hegemonia. Em articulação com esta se desenvolve a teoria dos intelectuais. A partir destes conceitos, Gramsci propõe uma série de pistas de análise para a história da Itália moderna, em que é central o conceito de *revolução passiva*.

O conjunto destes conceitos, bem como várias das experiências práticas a que se reportam, têm relações genéticas ou de implicação com a história contemporânea de Portugal e com a história do movimento operário e comunista no nosso país, que constituem objecto da exposição. Mas igualmente à luz deles é possível equacionar a presente *crise do Estado* em Portugal, e as perspectivas da sua superação.